

O COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO RURAL NO CONTEXTO URBANO INDUSTRIAL DO VALE DO PARAÍBA DO SUL FLUMINENSE

Arthur Almeida da Silva Guimarães
Marcelo Ferreira Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Geografia

INTRODUÇÃO

O trabalho consiste numa proposta de análise dos processos de reestruturação do espaço rural na região Sudeste do Brasil, com enfoque no Vale do Paraíba Fluminense, na Mesorregião geográfica do Sul Fluminense, onde se encontram instaladas as Microrregiões geográficas do Vale do Paraíba Fluminense e Barra do Piraí, que são o foco da investigação.

Tem-se como principal objetivo entender qual o comportamento da população rural no contexto urbano industrial da região, e, diagnosticar as mudanças e processos correntes, a fim de compreender a dinâmica da distribuição de mão-de-obra no campo e a evolução da população economicamente ativa por setor de atividades. Neste contexto, o crescimento do setor industrial na região serviu como fator de atração para as cidades médias da região e queda da importância da agropecuária, que, assim mesmo, ainda apresenta forte relevância.

A população, que até meados do século passado era essencialmente rural, começou a se locomover para os centros urbanos locais, aumentando consideravelmente toda a população instalada na área urbana e causando uma evasão do campo. Essa transferência se deu de forma gradual, em alguns municípios e, em outros, de maneira mais abrupta, porém o processo não seguiu uma seqüência, espraiamento ou lógica territorial, fazendo com que, em determinado momento, os municípios passassem pelo fenômeno.

A modernização da agropecuária, substituindo o trabalho humano por máquinas e por métodos e produtos mais eficazes, também contribuiu para a diminuição da população instalada no campo. O aproveitamento da mão-de-obra para outros setores, como o turismo e a indústria, permitiu a manutenção do emprego de alguns destes trabalhadores, mesmo este sendo em número reduzido devido às qualificações demandadas.

A jusante do processo de industrialização se configurou um cenário comum a todos os municípios do Vale do Paraíba Fluminense: perda em massa da população rural, aumento considerável da população urbana e uma diversificação maior nos setores de trabalho; novos ramos surgiram, como o turismo rural, e outros tiveram uma ampliação em praticamente todos os municípios como a Prestação de Serviço.

METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho foi realizado em um momento inicial um levantamento bibliográfico e em sítios na internet, buscando entender a dinâmica da região a partir de seu histórico econômico e produtivo.

Posteriormente, foram utilizados dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e de outros órgãos de pesquisa e de divulgação estatística, como o Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (Fundação CIDE), secretarias

estaduais e municipais, além de incluir os anuários estatísticos, censos demográficos, agropecuários e publicações referentes à produção e turismo.

Com o propósito de estabelecer uma comparação coerente entre os dados estatísticos levantados, em valores absolutos e relativos, foram adotadas duas padronizações:

A primeira refere-se à divisão dos municípios por regiões. Foi adotada a divisão em Micro e Mesorregiões Geográficas do IBGE utilizada no censo demográfico de 2000. Desta forma, os dados dos censos demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000, assim como os dados dos censos agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995 e outros utilizados na pesquisa, foram agrupados conforme a divisão de 2000.

A segunda refere-se ao surgimento de novos municípios. Para manter os parâmetros de comparação, os municípios de Itatiaia e Porto Real, antes pertencentes a Resende, e os municípios de Pinheiral e Quatis, antes pertencentes respectivamente a Piraí e Barra Mansa, tiveram seus dados coletados integrados aos municípios ao qual os mesmos faziam parte antes da emancipação.

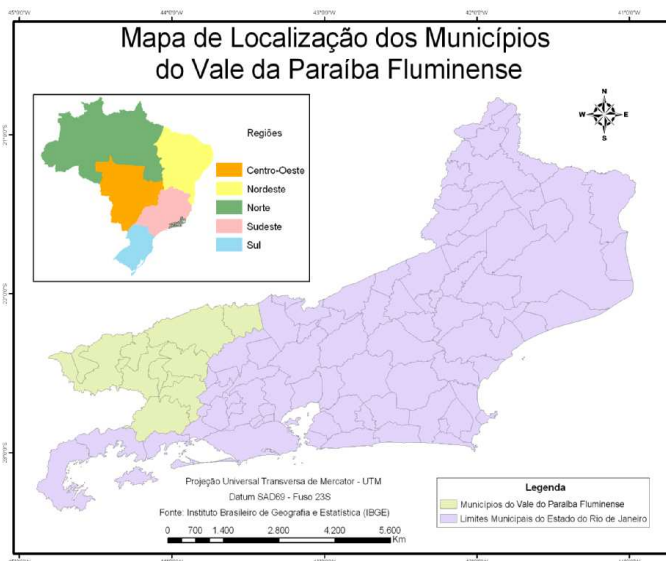
LOCALIZAÇÃO DA ÁREA

O Vale do Paraíba do Sul localiza-se no Sudeste brasileiro, abrangendo dois Estados da Federação – São Paulo e Rio de Janeiro. O nome da região faz referencia ao fato da mesma ser a parte inicial da Bacia Hidrográfica do rio Paraíba do Sul, que nasce na Serra da Bocaina, em São Paulo, e tem sua foz em Atafona, no Rio de Janeiro. Ocupando uma área de aproximadamente 57.000 km², a bacia de drenagem representa cerca de 6% do território da Região Sudeste.

A porção fluminense do Vale do Paraíba do Sul abarca os municípios de Barra do Piraí, Rio das Flores e Valença, na Microrregião Barra do Piraí, e os municípios de Barra Mansa, Itatiaia, Pinheiral, Piraí, Porto Real, Quatis, Resende, Rio Claro e Volta Redonda, na Microrregião Vale do Paraíba Fluminense. Ambas as Microrregiões compõem a Mesorregião Sul Fluminense, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



FONTE: <http://www.ana.gov.br>



FONTE: GeoCart / Lab. UFRJ

HISTÓRICO

Com a decadência do ciclo do ouro na segunda metade do século XVIII e a crise na pauta de exportações brasileira no século XIX, onde os principais produtos primários exportados pelo Brasil – cana-de-açúcar, o tabaco e o algodão – perderam espaço no cenário mundial em relação à competitividade, o café apresentou-se como uma alternativa viável para equilibrar a economia nacional.

O Vale do Paraíba do Sul, área próxima ao curso do rio Paraíba do Sul abarcando partes dos atuais Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, foi, neste contexto de crise, o lócus inicial desta cultura que, posteriormente, atingiu outras áreas do Centro-Sul. As exigências para o plantio, em um primeiro momento, não envolviam necessariamente equipamentos e técnicas avançadas, assim como grandes investimentos. Ao mesmo tempo, algumas condições favoreceram o desenvolvimento desta atividade no Centro-Sul, entre elas a mão-de-obra abundante – proveniente do declínio das atividades relacionadas à mineração – e fatores naturais – terras de boa qualidade, temperatura favorável, chuvas regulares e bem distribuídas, menor incidência de eventos extremos como geadas ou calor excessivo.

A ocupação efetiva do Vale do Paraíba do Sul ocorreu de forma conectada ao desenvolvimento das lavouras de café. Anterior a chegada desta nova cultura na região, as pequenas vilas e povoados tinham como função interligar as cidades mineiras produtoras de ouro ao porto do Rio de Janeiro. Em meados do século XVIII são plantadas as primeiras mudas de café em algumas dessas vilas como São João de Marcos (atual distrito de Rio Claro), Resende e Vassouras. Contudo, é com o irreversível declínio da mineração que se inicia um processo que pode ser classificado como uma transição, aonde a população e a mão-de-obra vinculada à mineração abandona esta atividade e busca na agricultura e no Vale do Paraíba uma nova alternativa. A partir desta nova conjuntura, no final do século XVIII, diversas vilas anteriormente vinculadas à extração de ouro se desenvolvem de maneira extraordinária na produção de café.

A economia cafeeira foi fruto do capital mercantil escravista nacional, que, através do tempo, impulsionado por uma série de eventos (como a abertura dos portos e a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e, posteriormente, a Independência em 1822), ganhou força. Vislumbrando as novas oportunidades referentes à comercialização do café no mercado internacional, o capital mercantil financiou a economia cafeeira através da figura do comissário (comerciantes ou grandes fazendeiros que financiavam plantações de café, realizavam a logística e negociavam a produção com as firmas exportadoras), estabelecendo-se, por conseguinte, uma relação de dependência que prendia o fazendeiro ao comissário. Ademais, *“a oferta de terras no Vale do Paraíba, próximo aos portos de embarque, o cultivo predatório da terra e a taxa extraordinária de exploração de escravos”* foram outros elementos que estimularam os investimentos feitos nas lavouras de café (BECKER & EGLER, 1993, p.57).

A “Marcha do café” no Vale do Paraíba do Sul ocorria de forma acelerada, atingindo seu auge na metade do século XIX. Segundo DANTAS (1995), o aumento da produção, na região em questão, estava diretamente vinculado à conquista de novas áreas através da derrubada da floresta original. A expansão do café resultou na destruição de grande parte da Mata Atlântica na primeira metade do século XIX, tendo apenas nas serras mais altas, áreas adversas ao plantio do café, remanescentes da floresta original. As alterações antrópicas promoveram uma série de mudanças no comportamento hidrológico e erosivo da área, além de desequilíbrios nos ecossistemas. Tais mudanças, associadas a uma

série de outros fatores e circunstâncias, de acordo com DANTAS (1995), foram decisivas para o declínio e estagnação da região.

Na segunda década do século XIX, a província do Rio de Janeiro já contribuía de forma muito significativa com a economia do Império brasileiro através da exportação do café. Todavia, após atingir seu auge produtivo em meados do século XIX, a província do Rio de Janeiro foi suplantada por São Paulo tanto na produção de café quanto na concentração de riquezas, invertendo-se aí, também, as posições de primeiro e segundo maiores portos exportadores de café brasileiros – neste momento, o porto de Santos superara o porto do Rio de Janeiro.

A estagnação da produção cafeeira fluminense está inserida dentro do contexto de decadência do Vale do Paraíba do Sul. Segundo PESSAMILIO (1978), entre alguns dos fatores que fomentaram a perda da hegemonia do Vale do Paraíba do Sul em detrimento do Oeste paulista, podem ser enumerados: solos de melhor qualidade existentes no Oeste paulista (terra roxa – resultado da decomposição do basalto) e técnicas mais modernas aplicadas no plantio e no beneficiamento do café em oposição aos solos rapidamente empobrecidos do Vale do Paraíba pelo desmatamento, erosão, plantio inadequado, pragas e técnicas rudimentares aplicadas no cultivo; proibição do tráfico de escravos – levando ao encarecimento e envelhecimento da mão-de-obra escrava negra; posterior abolição da escravatura – acelerando a desorganização das já decadentes lavouras; a erosão e o empobrecimento do solo nas áreas de relevo montanhoso onde foram cultivadas muitas das às lavouras de café no Vale do Paraíba; transferência dos capitais acumulados por fazendeiros para as novas áreas emergentes favoráveis ao plantio de café no Oeste paulista; uma melhor infra-estrutura para o escoamento da produção cafeeira do Oeste paulista, a partir da construção de estradas de ferro pela Companhia Paulista e Mogiana.

De acordo com o levantamento realizado por DANTAS (1995), nas últimas décadas do século XIX, a degradação dos solos no Vale do Paraíba do Sul fomentada pela cultura do café desfavoreceu a prática da agricultura na região, transferindo para o Oeste paulista, de forma definitiva, o status de grande pólo cafeeiro nacional. Mesmo as tentativas de criar instrumentos para a manutenção dos privilégios de cafeicultores economicamente fálidos, como o Convênio de Taubaté (em 1906), possibilitado pela força política destes grandes proprietários de terras, não reverteram à situação de decadência e estagnação.

Apesar deste cenário degradado, as enormes áreas antes utilizadas para o plantio do café, mostravam-se muito apropriadas para a criação de gado. A possibilidade de contar com grandes áreas, aonde o capim se alastrava com facilidade pelos cafezais abandonados, a preços mais baratos para que o gado pudesse pastar livremente atraiu a pecuária como uma nova atividade para alguns municípios do Vale do Paraíba. Esta nova atividade poderia fornecer carne e leite para abastecer a população da capital da República.

Neste quadro apresentado para o Vale do Paraíba do Sul, dentro do qual se situava grande parte da produção cafeeira da Província do Rio de Janeiro, PESSAMILIO (1978) afirma que *“a região assiste à proliferação de cidades estagnadas, áreas de pastagem substituindo o cafezal, rarefação demográfica”*.

Mesmo com este panorama desfavorável, o legado do café foi fundamental para que, durante o século XX, fosse constituído um mapa industrial local no Vale do Paraíba do Sul. Para RICCI (2002) apud BOFFI (2006), o desenvolvimento da indústria na região é explicado prioritariamente por dois aspectos:

“o primeiro é a continuação da produção do café por alguns municípios da região e adjacências, responsáveis por gerar disponibilidade de mão-de-obra, meios de transporte, infra-estrutura urbana e capital acumulado; o segundo caracteriza-se pela ligação ferroviária entre as duas principais capitais do país” (RICCI, 2002 apud BOFFI, 2006).

BOFFI (2006) ressalta que a conclusão da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1875, conectando o Rio de Janeiro a São Paulo foi o marco inicial para o florescimento da indústria na região. Na mesma direção do crescimento da industrialização em vários municípios, a urbanização também apresentou um espiral ascendente.

A acumulação de capital no setor industrial em detrimento do agrário-exportado aconteceu a partir da década de 1930. Nesta conjuntura de uma crise mundial (1929), o Estado brasileiro, representado pela figura de Getúlio Vargas, assumiu um novo perfil, passando a intervir na relação trabalho e capital, além de investir no setor industrial, de infra-estrutura e energético. Neste caminho, as estruturas rurais arcaicas foram eliminadas pela *“consolidação do moderno aparelho de Estado numa via autoritária, o “Estado Novo”, formalmente implantado com o golpe de 1937”* (BECKER & EGLER, 1993, p.57).

No Vale do Paraíba do Sul, a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 9 de abril de 1941 – entrando em operação apenas em 1º de outubro de 1946 – *“foi o principal marco do desenvolvimento no Vale do Paraíba no período compreendido entre 1930 e 1955”*, impulsionando investimentos privados em atividades referentes e derivadas do aço (RODRIGUES, SANTOS E OLIVEIRA, 1992, apud BOFFI, 2006).

Após 1955, os investimentos estatais e a entrada de capital estrangeiro possibilitam a implantação de uma vasta base industrial no Centro-Sul. Entre os investimentos realizados no Vale do Paraíba neste período, destacam-se a construção da Rodovia Presidente Dutra, a criação do complexo-industrial-aeroespacial em São José dos Campos e uma série de iniciativas do governo federal em prol de setores básicos da economia industrial, consolidando a política econômica do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek (RODRIGUES, SANTOS E OLIVEIRA, 1992, apud BOFFI, 2006).

Conforme afirma SILVA (2005, p.78) apud BOFFI (2006), entre 1934 e 1960, houve um esvaziamento do campo e um crescimento da população urbana de forma geral. O crescimento industrial do Vale do Paraíba, pós 50, foi *“decorrente de sua inserção no processo de desconcentração industrial da região metropolitana rumo ao interior”*. Tal processo, na década de 70, representou alterações significativas em setores como o comércio de mercadorias, atividades sociais e outras ligadas ou setor público. Desta forma, conforme afirma RODRIGUES, SANTOS E OLIVEIRA (1992) apud BOFFI (2006), em 1980, *“a indústria já havia passado por grandes mudanças, transformando o Vale do Paraíba em um importante espaço de produção”*.

É importante ressaltar que, a partir de 1970, iniciaram-se profundas transformações no mundo capitalista que afetaram diretamente o Brasil. Segundo afirma RUFINI (2006), a regulação estatal e a organização da produção fordista não foram capazes de acompanhar a ampliação dos mercados, o crescimento europeu e asiático, o desenvolvimento de novas tecnologias para diversos setores como o de produção e comunicação e outros fatores, que fomentaram um processo de reestruturação produtiva para enfrentar o período de crise na década de 1980.

O Brasil, na década de 1990, tem sua inserção dentro da nova lógica pós-fordista de produção através da implantação do Pólo Automotivo nos municípios de Resende e Porto Real, no Vale do Paraíba Fluminense.

COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO

População rural e urbana

A transição espacial da população no Vale do Paraíba Fluminense ocorreu de forma irregular ao longo do tempo, sem obedecer a uma linearidade territorial. O deslocamento populacional do campo para a cidade foi um fenômeno que ocorreu em todos os municípios. A análise compreende-se da década de 1960 até os últimos dados coletados em 2000. É importante ratificar que em todos os municípios da Mesorregião Geográfica o processo foi contínuo e gradual, modificando-se de uma localidade para outra, porém com um resultado único: todos os municípios se encontram com a população urbana muito mais numerosa, relativamente, a população rural.

Analisando os dados coletados, é possível perceber algumas semelhanças entre os municípios. A partir delas, foram extraídos quatro casos:

I) Municípios em que até a década de 1970 ou 1980 tinham ainda a população rural como maioria (Rio das Flores, Rio Claro e Pirai): alguns tinham até 80% da sua população localizada no campo, como caso de Rio das Flores. O processo nestes municípios se deu de forma mais acelerada, acontecendo assim, um movimento abrupto das linhas do gráfico. Formando assim, em sua configuração um “x”, significando a diminuição da população rural em detrimento do aumento da população urbana. Outro ponto a salientar é o ano em que há a transição demográfica levando ao predomínio da população urbana; no caso de Pirai, se deu bem antes que nos outros municípios. Nos anos 1970 a população era equilibrada em rural/urbana, já na década seguinte, o censo demográfico, revela um aumento enorme da massa urbana, ficando em torno de quase 80%. Nos municípios de Rio das Flores e Rio Claro, pode-se observar que a transição do rural para o urbano, se deu mais tardiamente, em torno das décadas de 1980 e 1990. Ainda nas décadas anteriores a população rural era muito elevada e, em 1960, nos dois municípios, a mesma chegava a quase 80% do número total. Ainda hoje, mantêm-se como os municípios da Mesorregião Sul Fluminense, com maior percentual total de população rural, chegando apenas a poucos mais de 30% de população residente no campo.

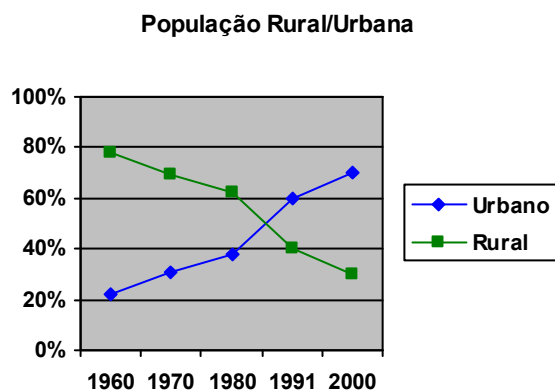
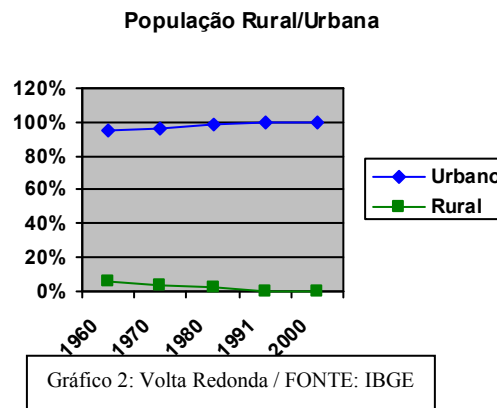


Gráfico 1: Rio das Flores / FONTE: IBGE

II) Municípios em que o forte crescimento demográfico da população urbana aconteceu em 1960/1970 (Resende e Volta Redonda): apesar de terem hoje, junto com Barra do Pirai e Barra Mansa, a maior porcentagem de população urbana da Mesorregião Sul Fluminense, Resende e Volta Redonda, tiveram no passado um processo diferente de urbanização. Pode-

se considerar que o processo de urbanização da população em Volta Redonda, se deu muito antes que nos 1960, já que nesta época cerca de 94% da população estava na cidade. Entretanto, foi neste período em que as linhas do gráfico tornam-se mais íngremes e inclinam-se para cima, sinalizando que a pouca população do campo diminui cada vez mais rápido. Se consolidado assim um processo de urbanização praticamente total do município. Que mantém os números até os dias atuais, em 2000 99,9% da população está em área urbana. Enquanto isso, no município de Resende, o processo se deu de forma abrupta. A relação em 1960 era de 40% rural para 60% urbana, na década seguinte à população localizada na cidade já tinha aumentado 15%, e na década de 2000 já totalizava quase 85% de toda a população do município. As linhas do gráfico se mostram muito mais inclinadas, indicando uma mudança mais drástica da transição demográfica da população.



III) Municípios em que o crescimento demográfico da população urbana aconteceu em 1970/1980 (Valença e Barra Mansa): os municípios citados, têm a principal mudança na transição populacional campo/cidade, no período de 1970 e 1980, porém, com trajetória e continuidade bastante diferenciado. O Município de Valença, localizado na microrregião de Barra do Piraí, tem nas décadas anteriores o crescimento da população urbana de forma gradual e contínua. Em 1960 e 1970, os números são muito próximos, revelando uma relação de 40% rural e 60% urbana, o que acontece no momento seguinte é um movimento abrupto revelando um aumento na população urbana e um declínio na população rural. Em 1990, já passava dos 80% a população urbana. A linha do gráfico mostra-se inclina em todas as décadas posteriores a transição, o que significa que o movimento de mobilidade populacional continuou nas décadas seguintes. Acontece, no entanto quase o oposto em Barra Mansa. De 1960 para 1970, a população rural aumenta em detrimento da população urbana, sendo que neste período a população urbana já representava cerca de 80% do total. No período seguinte, no entanto, o processo se reverteu a tal ponto que a população urbana aumentou para quase 90% do total, e continuou aumentando na década seguinte, como mostram as linhas do gráfico. Neste momento, acontece então uma estabilidade das linhas gráficas, indicando que o processo cessou e a população urbana não esta mais aumentando tão rapidamente. Se formos analisar os números absolutos, verificaremos que os resultados são quase inalterados em relação à década anterior.

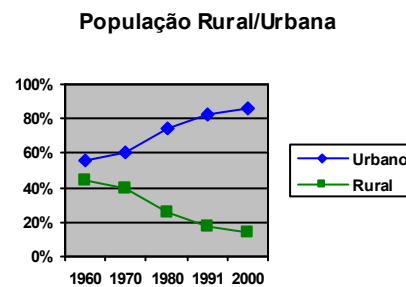
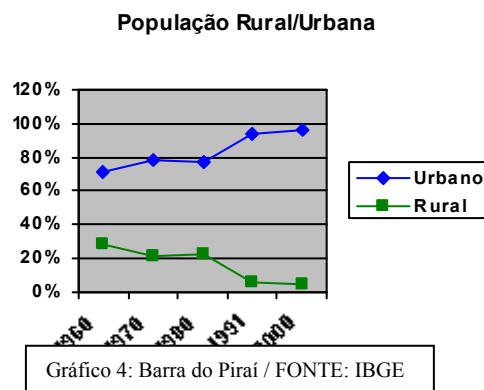


Gráfico 3: Valença / FONTE: IBGE

IV) Município em que a transição demográfica aconteceu em 1980/1990 (Barra do Pirai): O município em questão, junto com Rio das Flores e Rio Claro, foi o que mais tardiamente apresentou uma alteração de demográfica população predominante. Diferentemente dos anteriores citados, já tinha em 1960 uma porcentagem elevada (mais de 70%) da população vivendo em áreas consideradas urbanas, pode-se observar também, que em 1960 para 1970 houve um aumento considerado da população urbana, que se estabilizou durante as duas décadas seguintes. Porém foi em 1980 que ocorreu um aumento mais significativo tornando-se um município com cerca de 95% da população total vivendo em áreas urbanas, estabilizando-se na década seguinte.



Interessante salientar que o aumento da população urbana nos municípios, não se deu apresentando um padrão espacial, acontecendo aleatoriamente. Um aumento de um município não interferiu na dinâmica da transição do seu município vizinho, cada um teve seu tempo e sua história para interferir na dinâmica populacional. A maioria dos municípios se encontra com uma população urbana bem superior a população rural, variando de mais de 70%, de Rio das Flores, até 99,9%, como no caso de Volta Redonda. Sendo assim, esses dois municípios são, respectivamente, o menos e mais urbanizado da Mesorregião Geográfica do Sul Fluminense.

A diferenciação da transição de população do campo para a cidade ter ocorrido de maneiras diferentes nos municípios se deve as mais variáveis causas, entre elas: programas do governo, dinamismo da economia local, declínio do campo, aquecimento da indústria local, ou até mesmo a construção da Rodovia Presidente Dutra, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo e, ao passar por alguns destes municípios, alterando sua dinâmica.

População Economicamente Ativa (PEA)

A semelhança econômica, variando em grau de desenvolvimento, entre as microrregiões e os municípios propiciaram uma regularidade bastante comum entre os dados da PEA. Todos os municípios tiveram números relativos próximos e se comportaram de maneira pouco distintas.

A indústria, como antes dito, foi o principal motivo para a transição demográfica do campo para a cidade. Teve um aumento significativo da década de 1960 a 1980, em grande parte dos municípios. Em detrimento, a agropecuária perdeu parte da mão-de-obra envolvida no campo, primeiro por uma modernização ocorrente de máquinas e suprimentos agrícolas que permitiram o uso intensivo da área, sem a necessidade de mão-de-obra numerosa; e segundo ao sucesso implementado com a indústria, que serviu como fator de atração para a cidade.

Os oito municípios analisados foram divididos em dois padrões: ambos com perda significativa da mão-de-obra no campo e uns com aumento significativo da indústria durante décadas e outros sem aumentos significativos.

I) Queda da mão-de-obra no campo e aumento significativo da indústria (Barra do Piraí, Valença, Barra Mansa, Piraí, Resende e Volta Redonda): as duas microrregiões tiveram um aumento significativo do número absoluto de trabalhadores na indústria, entre as décadas de 1960 a 1980. Na década seguinte, exceto o município de Barra do Piraí, todos os municípios tiveram uma queda do número de trabalhadores ativos na indústria, entretanto, este continuou como o principal setor econômico do município. Ao longo do tempo, as atividades relacionadas à agropecuária perderam grande parte de sua população economicamente ativa, seja por motivos de mecanização ou atração da cidade, esse setor se mostrou em recuo em todos os municípios do Vale do Paraíba Fluminense, em âmbito do número de população, relativa ou absoluta, economicamente ativa.

II) Queda da mão-de-obra no campo e sem aumentos significativos da indústria (Rio das Flores e Rio Claro): esses dois municípios, o primeiro pertencente à microrregião de Barra do Piraí e o segundo a do Vale do Paraíba Fluminense, tiveram um aumento da indústria, porém sem importância relevante. E mesmo com a queda bastante acentuada da mão-de-obra no campo, esta atividade, continua sendo a maior empregadora do município. Esses municípios são os únicos da Mesorregião Geográfica que se mantêm com a PEA relativa à agropecuária maior que os outros setores da economia.

Outro ponto relevante é a diversificação da mão-de-obra em todos os municípios da Mesorregião. Os outros setores da economia, como transporte e comunicação ou serviço social, tiveram um aumento da mão-de-obra envolvida. A prestação de serviço, todavia, foi o setor que mais se desenvolveu da década de 1970 até os últimos anos, os números relativos e absolutos aumentaram consideravelmente.

Classificação da mão-de-obra no campo

Essencialmente a Mesorregião Geográfica do Sul Fluminense tem duas formas significativas de mão-de-obra, são elas a familiar e a permanente. Ao longo dos anos analisados, essas duas formas se alternam em muitos municípios, porém a porcentagem de outros tipos de mão-de-obra, como temporários e parceiros, nunca atingiram valores muito expressivos; em alguns anos podem ter uma relevância, mas, de forma geral são sempre muito menores.

Municípios como Barra do Piraí e Valença, pertencentes à mesma Microrregião de Barra do Piraí, tem um equilíbrio ao longo das décadas. Em alguns anos, a mão-de-obra familiar é maioria, em outros anos, a permanente tem o maior número relativo. Em 1960, no município de Barra do Piraí, a mão-de-obra de caráter parceiro chega a ter quase 17% de toda a população ativa envolvida no campo, entretanto nas décadas seguintes esse número diminui drasticamente, chegando a ficar na maioria dos anos sempre menor que 1% do número relativo de trabalhadores. No entanto, o último censo agropecuário datado de 1995 revela uma maior participação da mão-de-obra permanente, ultrapassando os 65% da população envolvida. No município vizinho, ocorre a mesmo em relação à mão-de-obra familiar e permanente, a única diferença é a participação efetiva da mão-de-obra temporária, que no decorrer das décadas tem sempre uma margem de aproximadamente 10% da população trabalhadora.

Outro grupo de quatro municípios tem uma dinâmica rural um pouco diferenciada dos municípios citados acima. Rio das Flores, pertencente à microrregião de Barra do Piraí,

e Barra Mansa, Pirai e Resende, pertencente à microrregião de Vale do Paraíba, tem uma porcentagem bastante equilibrada entre a mão-de-obra familiar e permanente, no entanto, o caráter permanente acaba sendo um pouco mais significativo. Isso ocorre porque durante as décadas, apesar do alto índice de mão-de-obra familiar, a permanente sempre permanece como principal características dos municípios. O município de Rio das Flores, essencialmente rural, tem uma forte presença de mão-de-obra do tipo temporário, que no início dos anos 1960 não teve importância, cresceu o número com o passar das décadas e, no entanto nas últimas décadas os números voltam a decair. Mostrando como um evento efêmero, e voltando ao caráter dos anos 1960, de extrema maioria permanente e um pouco menos familiar, e os outros tipos de relação no campo com menor importância. Resende e Barra Mansa são municípios onde os gráficos se mostram muitos semelhantes, a regularidade entre os anos é contínua e a caráter da mão-de-obra permanente é sempre um pouco mais significativo que o os demais. Apesar das alternâncias nos números relativos, em alguns anos, o município de Pirai também segue a tendência dos demais, entretanto os dados não são tão lineares, mas a importância da mão-de-obra permanente e familiar são as maiores.

Os municípios que se destacam como mais diferentes desta Mesorregião Geográfica são: Rio Claro e Volta Redonda, ambos da Microrregião Geográfica do Vale do Paraíba Fluminense. Ambos são municípios bastante distintos economicamente, o primeiro citado é de economia lenta e sem grandes atrativos industriais ou agropecuários, sendo assim, possui uma população empregada no campo de origem familiar. Ainda em 1995, cerca de 50% da população empregada no campo, diga-se principal atividade exercida no município, é de origem familiar. A mão-de-obra permanente também aparece no município, e em terceiro lugar a mão-de-obra temporária; ambas muito abaixo em números absolutos e relativos da mão-de-obra de caráter familiar. O município de Volta Redonda segue o inverso do anterior: a economia aquecida e o caráter industrial da região fizeram deste município um dos principais pólos atrativos de indústria do Estado do Rio de Janeiro, recebendo investimentos em infra-estrutura e ampliação comercial. Sendo assim, a agricultura deixou, muito antes dos anos 1960, de ser uma atividade relevante no município. E com o passar do tempo perdeu importância, tendo o número relativo de trabalhadores na agricultura, inferior a 1%. Nessa minoria a mão-de-obra de origem familiar é enorme, chegando a somar mais de 50%.

A DINÂMICA RURAL: AGROPECUÁRIA E TURISMO

A fim de entender o papel do rural no Vale do Paraíba do Sul Fluminense, foi realizado um levantamento de dados secundários nos censos agropecuários do IBGE e no banco de dados da Fundação CIDE. Ao fazer o levantamento de dados, alguns problemas mostraram-se difíceis de serem solucionados, entre eles: a dificuldade de se comparar o valor monetário da produção ao longo dos anos vide a constante alteração da moeda em circulação e planos econômicos no Brasil no recorte temporal adotado; e a falta de alguns dados para que se pudesse realizar uma análise mais detalhada de alguns processos.

Dentro deste panorama de dificuldades, foram escolhidas por sua relevância em termos de geração de recursos, emprego e dinâmica para a região as atividades relacionadas à pecuária e ao turismo.

Para realizar uma análise da situação da pecuária na Mesorregião Sul Fluminense, através da coleta de dados secundários nos censos agropecuários de 1970, 1975, 1980, 1985

e 1995, foram tomados como parâmetros as seguintes variáveis: valor monetário da produção animal e vegetal; o rebanho bovino total; produção de leite (vacas ordenhadas, leite produzido e valor monetário da produção); bovinos vendidos e abatidos.

É possível observar que, em todos os municípios da Mesorregião Geográfica em questão, em todos os anos de referência dos censos, o valor monetário da produção animal (soma do total de animal de grande porte, animais de médio porte e aves e pequenos animais) sempre se mostrou maior que o da produção vegetal (soma do total de lavouras permanentes e temporárias, silvicultura, extração vegetal e outros).

Tradicionalmente, a região é uma importante área de produção de pecuária de gado de corte e leite. O rebanho total, ao longo dos anos, sofre leves alterações (ora de queda, ora de crescimento) se for comparado, ano a ano, o efetivo total de cabeças de gado por município. Contudo, duas observações muito relevantes podem ser feitas sobre a comparação destes dados. Entre os anos de 1970 e 1975, com exceção do município de Volta Redonda, todos os outros apresentaram crescimento do efetivo total de bovinos. A outra é que, ao comparar, o efetivo de total de bovinos por Microrregião Geográfica foi possível constatar uma similaridade. Nas duas Microrregiões apenas o intervalo entre 1975 e 1980 apresentou um recuo no efetivo total de bovinos. Em todos os outros intervalos houve um crescimento. Este decréscimo pode estar relacionado a algumas alterações significativas em setores como o comércio de mercadorias, atividades sociais e outras ligadas ou setor público na década de 70, conforme afirma SILVA (2005, p.78) apud BOFFI (2006).

EFETIVO DE BOVINOS POR MICRORREGIÃO					
1970/1975/1980/1985/2007					
MICRORREGIÃO	1970	1975	1980	1985	2007
BARRA DO PIRAI	81.843	100.428	97.997	100.921	118.449
VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE	106.159	118.087	116.707	119.154	147.117

FONTE: IBGE

No mesmo o intervalo, entre 1975 e 1980, ocorreu em ambas as Microrregiões uma diminuição nos rebanhos (em grau muito menor na Microrregião Vale do Paraíba Fluminense), contudo, inversamente proporcional, houve o aumento da produção de litros de leite, o que pode indicar um aumento da produtividade ligado ao desenvolvimento da indústria na região. Ainda a respeito do rebanho leiteiro, é possível observar que, entre os anos de 1970 e 1975, houve um considerável crescimento do número de animais em ambas as Microrregiões Geográficas. A tabela abaixo traz o rebanho total de vacas ordenhadas e a produção de leite, por Microrregião, segundo o IBGE, nos quatro censos agropecuários tomados como referência:

TOTAL DE VACAS ORDENHADAS E LEITE PRODUZIDO 1970/1975/1980/1985				
MICRORREGIÃO	1970		1975	
	VACAS ORDENHADAS (CABEÇAS)	LEITE PRODUZIDO (MIL LITROS)	VACAS ORDENHADAS (CABEÇAS)	LEITE PRODUZIDO (MIL LITROS)
BARRA DO PIRAÍ	24.380	32.151	28.304	37.671
VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE	29.243	41.965	31.982	41.527
MICRORREGIÃO	1980		1985	
	VACAS ORDENHADAS (CABEÇAS)	LEITE PRODUZIDO (MIL LITROS)	VACAS ORDENHADAS (CABEÇAS)	LEITE PRODUZIDO (MIL LITROS)
BARRA DO PIRAÍ	24.920	40.447	25.941	40.857
VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE	31.822	55.359	30.074	49.923

FONTE: IBGE

Considerando o turismo, por meio do levantamento e da bibliografia consultada, é possível constatar que o desenvolvimento da indústria na região causou um novo comportamento da mão-de-obra rural. A diversificação dos setores econômicos trouxe a crescimento uma nova forma de vida a uma população que foi, durante séculos, essencialmente rural. O turismo rural ganhou destaque no fim da década de 1980. O crescimento da atividade nesta região tem sido um processo gradual, que, contudo, absorve apenas parte da população – aquela preparada e qualificada para o serviço.

Apesar deste panorama, a dificuldade inicial para a obtenção de dados referentes ao turismo inviabilizou um levantamento utilizando informações mais pretéritas. Desta forma, os levantamentos sobre o turismo tiveram como principal fonte de informações os dados municipais da Fundação CIDE referentes aos anos de 1996, 2000 e 2006.

O turismo na região está intimamente ligado ao turismo ecológico, ao ambiente das cidades pequenas e ao histórico do café, este último, promovendo a criação de uma rica arquitetura de belos casarões e propriedades que, apresentam uma diversidade de atividades e serviços prestados aos visitantes.

Segundo a Fundação CIDE, em 1996, mais de 2.000 mil pessoas estavam empregadas em uma atividade econômica ligada ao turismo, esse número dobrou em dez anos, atingindo a marca de 4.000 mil empregados em 2006. O município de Resende foi o que mais empregou, tendo um crescimento linear e empregando hoje mais de mil pessoas no ramo. Outro município, que recentemente foi emancipado, é o de Itatiaia, que se destaca como segundo maior pólo turístico da Mesorregião. Em todo o processo do trabalho, foi utilizada a metodologia de agrupar os municípios que se emanciparam ao longo do tempo, para manter um parâmetro comparativo. No entanto, neste momento, desloca-se Itatiaia, em virtude desse município ter uma PEA muito relevante ocupada no turismo.

Ainda segundo a Fundação CIDE, o número de estabelecimentos na última década, como era de se esperar, também aumentou cem por cento. Entretanto o comportamento foi bastante diferenciado. O município de Itatiaia, pertencente à Microrregião do Vale do Paraíba Fluminense tem, já em 1996, o dobro do número de estabelecimentos hoteleiros

que o segundo município, no caso Resende. O desenvolvimento deste município foi tão acelerado e mais rápido que os outros municípios que quase uma década depois (nove anos) somam quatro vezes mais, que o segundo. Passando de 50 estabelecimentos para 85, enquanto que no município que deu origem, esse número decaiu bastante.

Sendo assim, essa substituição da essência rural por uma indústria moderna ou agroindústria no campo, resultou em diferentes processos nos municípios da Mesorregião Geográfica do Sul Fluminense. Alguns não conseguiram desenvolver outros ramos da economia, continuam cristalizados no tempo ou com resultados muito lentos. No setor do turismo, Rio Claro e Rio das Flores mostram os números mais baixos, indicando uma pouca tendência do turismo rural. O número de estabelecimentos hoteleiros em 2005 não passa de dois nos dois municípios e a mão-de-obra empregada é praticamente insignificante. Os números tão baixos são reflexos de uma natureza pouca atraente e um plano político e institucional que não visa o desenvolvimento destes municípios na área.

Importante salientar a diversidade da mão-de-obra envolvida indiretamente no setor do turismo. Muitos empregos indiretos são criados graças ao desenvolvimento desse ramo da economia. O sistema de transporte e comunicação local, além do comércio de artigos artesanais e centros de compras e alimentação, são aquecidos e desenvolvidos quando um caráter turístico entra como uma opção de diversificação da economia local. Abaixo, uma tabela com dados referentes aos estabelecimentos hoteleiros e a mão-de-obra empregada.

ESTABELECEMENTOS HOTELEIROS E MÃO-DE-OBRA EMPREGADA 1996/2000/2005						
MICRORREGIÃO	1996		2000		2006	
	ESTABELEC. HOTELEIROS	MÃO-DE-OBRA EMPREGADA	ESTABELEC. HOTELEIROS	MÃO-DE-OBRA EMPREGADA	ESTABELEC. HOTELEIROS	MÃO-DE-OBRA EMPREGADA
BARRA DO PIRAI	35	482	41	652	49	639
VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE	108	2.146	151	2.995	158	3.524

FONTE: CIDE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da nova configuração urbano-industrial que se desenha na região, a mesma continua a apresentar um considerável setor rural, em especial o ligado ao rebanho bovino para a produção de leite e derivados e gado de corte. As atividades relacionadas ao campo também sofreram modificações na região ao longo do tempo, gerando atividades de maior dinamismo como a produção de agroindústrias e atividades relacionadas a uma busca das populações urbanas por um lazer, um turismo ligado ao rural.

Os dados levantados e utilizados para realizar uma análise do Vale do Paraíba Fluminense foram trabalhados em valores absolutos e relativos. O critério permitiu uma visão mais holística das informações coletadas e sua melhor compreensão em termos de processos.

É fundamental ressaltar que esta é uma pesquisa em andamento, e, por isso, serão necessários novos levantamentos e um maior aprofundamento a respeito da dinâmica de cada município. Tais informações poderão ser obtidas pelos seqüentes trabalhos de campo planejados e pela contínua revisão bibliográfica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é fruto de um projeto de iniciação científica, coordenado e orientado pela Prof. Dra. Ana Maria de Souza Mello Bicalho, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a quem gostaríamos de dedicar o trabalho e agradecer pelas conversas e esclarecimentos, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Deixamos aqui registrados nossos agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro oferecido para o desenvolvimento da pesquisa, através de bolsas PIBIC fornecidas a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, I. L.. Redes produtivas e novas territorialidades no Sul Fluminense. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BECKER, B. K.; EGLER, C. A. G.. Brasil: Uma nova potência regional na economia-mundo. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BOFFI, S. A. N. de O.; RICCI, F.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.. Análise histórica da região do Vale do Paraíba como atrativo para a implantação da indústria de base (1930-1980). Revista UNIVAP, v. 13, p. 1, 2006.

Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/INIC_2006/epg/06/EPG00000542_ok.pdf

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão (Org.). Cidades médias: espaços em transição. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

DANTAS, Marcelo Eduardo. Controles naturais e antropogênicos na estocagem diferencial de sedimentos fluviais: Bacia do rio Bananal (SP/RJ), Médio Vale do Rio Paraíba do Sul. Rio de Janeiro, 1995.

DINIZ FILHO, L. L.. Para onde irão as indústrias?. In: ALBUQUERQUE, E. S. de (Org.); ALII, E. (Org.). Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Globo, 2006.

IBGE. Anuário Estatístico do Rio de Janeiro 1980.

IBGE. Censo Agrícola do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara 1960.

IBGE. Censo Agropecuário do Rio de Janeiro 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995.

IBGE. Censo Demográfico 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.

PEREIRA, Maria Juvanete Ferreira da Cunha. História ambiental do café no Rio de Janeiro - Século XIX - Uma análise de desenvolvimento sustentável. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. História: Guerra e Paz, 2005.

Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/MARIA%20JUVANETE%20FERREIRA%20DA%20CUNHA%20PEREIRA.pdf>

PESSAMILIO, H. M. R.. A dinâmica social do café in Ministério da Indústria e do Comércio, Instituto Brasileiro do Café. O café no Brasil. Rio de Janeiro, 1978.

RUFINO, W. B.. Desdobramentos urbanos do modo de produção capitalista na sua fase contemporânea: Resende a partir da década de 1990. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SITES CONSULTADOS

ANA: Bacia do rio Paraíba, Biblioteca Virtual http://www.ana.gov.br/bibliotecavirtual/arquivos/BACIA%20RIO%20PARAIBA%20SUL_SUB-BACIAS.pdf, consultado em 08/02/2009.

COPPE: Notícias, <http://www.planeta.coppe.ufjf.br/artigo.php?artigo=645>, consultado em 08/02/2009.

CSN: Histórico da empresa, <http://www.csn.com.br>, consultado em 02/02/2009.

FEEMA: Informação e monitoramento ambiental, <http://www.feema.rj.gov.br/bacia-rio-paraiba-sul.asp?cat=75>, consultado em 02/02/2009.

FUNDAÇÃO CIDE: Agropecuária e Turismo, Banco de dados municipais <http://www.cide.rj.gov.br>, consultado em 20/12/2008.

IBGE: Cidades, <http://www.ibge.gov.br>, consultado em 20/12/2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO: Vale do Paraíba, Destinos e roteiros, <http://www.braziltour.com>, consultado em 02/02/2009.

TOLEDO, F. S.: Regionalização e desenvolvimento sustentável, estudos, <http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/est0012000-13.html>, consultado em 08/02/2009.